



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**MARIANA SANTANA DE LIRA**

**CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO DA  
PRÁTICA DE UMA PROFESSORA**

**RECIFE**  
**2021**

**MARIANA SANTANA DE LIRA**

**CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO DA  
PRÁTICA DE UMA PROFESSORA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciada em Pedagogia, orientada pela Profa. Dra. Ana Catarina Dos Santos Pereira Cabral.

**RECIFE**

**2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- L768c Lira, Mariana Santana de  
Contar Histórias na Educação Infantil: Um Estudo de Caso da Prática de uma Professora / Mariana Santana de Lira. - 2021.  
53 f. : il.
- Orientadora: Ana Catarina Dos Santos Pereira Cabral.  
Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,  
Licenciatura em Pedagogia, Recife, 2021.
1. Contação de histórias. 2. Educação infantil. 3. Prática pedagógica. I. Cabral, Ana Catarina Dos Santos Pereira, orient. II. Título

CDD 370

---

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**MARIANA SANTANA DE LIRA**

### **CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO DA PRÁTICA DE UMA PROFESSORA**

Data da Defesa: 05/07/2021

Horário: 10:00 horas

Plataforma/Link:

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Ana Catarina Dos Santos Pereira Cabral (UFRPE) - Orientadora

---

Profa. Dra. Carmi Ferraz Santos (UFRPE) - Examinadora Interna

---

Profa. Dra. Dilian da Rocha Cordeiro (UFPE) - Examinadora Externa

Resultado:  Aprovada

Reprovada

Dedico esta monografia a Deus, por ter me permitido chegar à conclusão deste curso. Ao meu cônjuge, Luis Felipe, por sempre estar ao meu lado. À minha mãe, Relvany e à memória de minha sogra, Angela Maria.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, a Deus, pois Ele é que me permite alcançar meus objetivos.

À minha orientadora Profa. Dra. Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral, pela orientação, paciência e atenção dedicada ao longo de todo o desenvolvimento da minha monografia, bem como pela sua contribuição com a minha formação acadêmica.

A todos os professores do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRPE, por todo conhecimento compartilhado comigo e com os meus colegas, contribuindo assim com a nossa formação acadêmica.

Às minhas colegas de jornada (Mary, Mirelly, Cybelle, Vitória, Camila, Séfora e Raíssa) pelas palavras de força e de encorajamento.

À Orlane, Lidia e ao Lucas, meus grandes amigos-irmãos, parceiros de vida e da academia, que me apoiaram, incentivaram a concluir este trabalho, e adquirir mais confiança em mim.

À escola onde foi realizada a pesquisa, por abrir as portas para mim, para poder realizar meu trabalho.

À professora que compartilhou comigo sua sala de aula, de forma que eu me sentisse à vontade e que se dispôs a ser meu objeto de estudo.

À servidora do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRPE, Gabrielly, pelo compromisso, carinho, atenção em nos atender e nos auxiliar com questões documentais e à funcionária Cris pela hospitalidade e cuidado com o Departamento do curso e por sempre nos tratar com carinho pelos corredores.

À Rural Linda!

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo compreender como uma docente realiza o trabalho de contação de histórias em uma turma da educação infantil grupo 3 (crianças de 3 a 4 anos), mais especificamente, analisar a concepção da docente sobre o trabalho envolvendo a contação de histórias; analisar como planeja suas aulas; caracterizar o que faz e prioriza em sua rotina. Para isso, utilizamos de um estudo de caso, de natureza qualitativa. Para análise dos dados nos inspiramos na análise de conteúdo (cf. BARDIN, 2016). Utilizamos como instrumentos para coleta de dados: a observação total, o questionário (cf. GIL, 1999) e a entrevista semiestruturada (cf. LUDKE E ANDRÉ, 1986). Os resultados apontaram que a contação de histórias faz parte da rotina deste grupo da educação infantil. A professora planejou os momentos envolvendo a contação de histórias; selecionava a história a ser trabalhada com as crianças; sistematizava as ações ao praticar as narrativas; organizava os espaços; preparava os recursos didáticos que seriam utilizados no momento da contação de histórias. Percebemos que a docente priorizou a atividade do reconto. Também realizou atividades relacionadas às histórias contadas, tais como: atividade de construção de texto coletivo, sendo a professora a escriba do texto; atividades de pinturas, para identificar personagens e cenários das histórias. O estudo demonstrou, uma prática pedagógica organizada por parte da professora, no que se refere ao planejamento para a realização da prática de contar histórias. O estudo ainda após revelou que a contação de histórias é um instrumento pedagógico que possibilita diversas aprendizagens cognitivas, sociais, afetivas, corroborando com os estudos de LACERDA (2015). Nosso estudo também evidenciou a relevância de formações continuadas aos professores da educação infantil, quanto à contação de histórias, percebendo-a como um instrumento pedagógico significativo e potente para o desenvolvimento das crianças. Em relação ao desenvolvimento da linguagem oral, a prática da contação de histórias parece ter influenciado de maneira positiva o desenvolvimento da oralidade, pois, assim como Carvalho et. al. (2019), percebemos que pode permitir às crianças ampliarem o vocabulário, aprender a explicar, opinar, bem como favorecer a interação social.

**Palavras-chave:** Contação de histórias. Educação infantil. Prática pedagógica.

## ABSTRACT

The present work aimed to understand how a teacher performs the work of storytelling in a group 3 kindergarten class (children from 3 to 4 years old), more specifically, to analyze the teacher's conception about the work involving storytelling; to analyze how she plans her classes; to characterize what she does and prioritizes in her routine. For this, we used a qualitative case study. For data analysis we were inspired by content analysis (cf. BARDIN, 2016). We used as instruments for data collection: total observation, the questionnaire (cf. GIL, 1999) and the semi-structured interview (cf. LUDKE AND ANDRÉ, 1986). The results pointed out that storytelling is part of the routine of this early childhood education group. The teacher planned the moments involving storytelling; she selected the story to be worked on with the children; she systematized the actions when practicing the narratives; she organized the spaces; she prepared the didactic resources that would be used at the moment of storytelling. We noticed that the teacher prioritized the activity of retelling. She also performed activities related to the stories told, such as: collective text construction, with the teacher as the scribe of the text; painting activities to identify characters and scenarios of the stories. The study showed an organized pedagogical practice on the part of the teacher, regarding the planning for the practice of storytelling. The study also revealed that storytelling is a pedagogical tool that enables various cognitive, social and affective learning, corroborating the studies of LACERDA (2015). Our study also showed the relevance of continued training for early childhood education teachers, regarding storytelling, perceiving it as a significant and powerful pedagogical tool for the development of children. Regarding the development of oral language, the practice of storytelling seems to have positively influenced the development of orality, because, like Carvalho et. al. (2019), we perceived that it can allow children to expand their vocabulary, learn to explain, opine, as well as favor social interaction.

**Keywords:** Storytelling. Early childhood education. Pedagogical practice.



## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Quadro 1 - Levantamento das pesquisas Capes e Google Acadêmico entre os anos de 2015 até 2019, p.13.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ADI	Auxiliar de Desenvolvimento Infantil
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNEI	Diretrizes Curriculares da Educação Infantil
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
PNAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
PROLICEN/UFPB	Programa de Licenciatura/Universidade Federal da Paraíba
SESC	Serviço Social do Comércio
UMEI	Unidade Municipal de Educação Infantil

**RESUMO**  
**ABSTRACT**  
**LISTAS DE ILUSTRAÇÕES**  
**LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO I: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS</b> .....	4
1 - A importância da Literatura na Educação Infantil .....	4
2 - A Arte de contar histórias: origem e os contadores de histórias.....	6
3 - O que os Documentos Nacionais apontam em relação ao trabalho envolvendo a contaçoão de histórias na Educação Infantil?.....	9
4 - O que as pesquisas apontam em relação ao trabalho envolvendo contaçoão de histórias? .....	13
<b>CAPÍTULO II: METODOLOGIA: TRAÇANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA</b> .....	21
1 - Campo de Investigaçoão .....	21
2 - Participantes da Pesquisa .....	22
3 - Instrumentos para a Coleta de Dados .....	23
4 - Metodologia de Análise .....	25
<b>CAPÍTULO III: ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS</b> .....	26
1 - Concepçoão da professora sobre a contaçoão de histórias .....	27
2 - Ambientaçoão, espaço, rotinas e recursos.....	31
3 - Planejamento da professora para envolver as crianças na contaçoão de histórias .....	37
<b>CONSIDERAÇOES FINAIS</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	45
<b>APÊNDICES</b> .....	50
<b>APÊNDICE A</b> - Roteiro de Observaçoão da Prática da Professora. ....	50
<b>APÊNDICE B</b> - Roteiro da Entrevista Semiestruturada Para Professora. ....	51
<b>APÊNDICE C</b> - Roteiro do Questionário Fechado.....	52
<b>ANEXOS</b> .....	53
<b>ANEXO A</b> - Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....	53

## INTRODUÇÃO

Não se tem uma data precisa do nascimento da prática da contação de histórias, o ato de contar histórias é muito antigo, o que se sabe é que suas origens surgiram na Grécia antiga e no Império Árabe, e que se perpetuam até os dias atuais. O início de tudo, se deu quando o ser humano começou a descobrir o mundo ao seu redor, tentando explicar como a vida acontecia, assim como, explicar os mistérios que os rodeavam, e isto tudo se deu por meio do uso da oralidade sendo a primeira forma de comunicação, e através da fala passavam seus conhecimentos, experiências, fatos históricos, crenças, cultura, uns para outros, sendo uma forma de transmitir valores, saberes. Desde então, o ser humano passou a contar os acontecimentos que ocorriam ao seu redor como também histórias à volta de fogueiras para crianças, mulheres e adultos. As histórias eram contadas por sábios e feiticeiros que possuíam conhecimentos, que por sua vez, eram transmitidos para estes públicos, sendo denominado pelos gregos de *Aedos*, contadores de histórias que se utilizava da palavra falada para transmitir sábias histórias para o povo (SCHERMACK, 2011).

A contação de histórias é o ato e/ou a capacidade de narrar um fato, ou contar uma história de improviso ou mesmo uma situação planejada, usando diversos tipos de recursos não verbais ou apenas a oralidade (TORRES et al, 2008). A contação de histórias é amplamente utilizada no universo infantil e faz parte da rotina da infância tanto em espaços públicos de educação, como no âmbito privado (SILVA et.al, 2018).

A temática escolhida é importante, pois a arte de contar histórias é um estímulo à criatividade, ao raciocínio lógico e ao lúdico, essenciais ao processo de aprendizagem na educação infantil. No processo de contação de histórias as crianças também constroem sua identidade social e cultural. Dessa forma, é imprescindível destacar o quanto essa atividade contribui, não só para o desenvolvimento da linguagem oral, como também para a criação do hábito da leitura, que são fundamentais às turmas da educação infantil.

No que se refere à abordagem acadêmica, é relevante destacar a importância da contação de histórias como ferramenta didático e pedagógica. Diante disso, abordo dois documentos que norteiam o que deve ser ensinado na Educação Infantil. A Base

Nacional Comum Curricular (BNCC) para Educação Infantil e as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (DCNEI).

A Base Nacional Comum Curricular estabelece cinco campos de experiências para a educação infantil, nos quais as crianças podem aprender e se desenvolver, sendo estes: “O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”.

Já as DCNEI consideram como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo diversas experiências às crianças. É por meio da interação ao brincar que a criança constrói e se apropria de conhecimentos. Isso vai acontecer por meio de suas ações e interações com as pessoas que estão à sua volta, possibilitando, assim, aprendizagens, desenvolvimento e socialização. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil apontam que é importante garantir atividades que possibilitem às crianças vivenciarem experiências de narrativas, de apreciação, interação com a linguagem oral, e também, o convívio com diferentes gêneros orais, promovendo assim, o contato e a interação das crianças com a literatura. Desse modo, é válido refletir sobre como a linguagem oral é pensada e como está sendo abordada dentro das escolas.

Para a sociedade, é importante tornar público, o conhecimento acerca do que é a contação de histórias, já que muitas pessoas a associam ao ato de ler histórias, uma vez que há diferenças entre “ler” e “contar”.

Então o presente trabalho traz uma indagação acerca do tema, com a seguinte pergunta: Como a contação de histórias está sendo trabalhada nas turmas da educação infantil pelo Pedagogo? Quais os objetivos pedagógicos da contação de histórias? Diante desses questionamentos, foram definidos os seguintes objetivos:

**Objetivo geral:** Compreender como uma professora realiza o trabalho de contação de histórias em uma turma da educação infantil.

**Objetivos específicos:**

1. Analisar a concepção da professora em relação ao trabalho envolvendo contação de histórias;
2. Analisar como a professora planeja suas aulas envolvendo o trabalho com contação de histórias;
3. Caracterizar o que a professora faz e prioriza em sua rotina.

A ideia de pesquisar acerca da temática acima partiu da experiência do estágio em uma escola particular de Recife-PE, no ano de 2018, numa turma de educação infantil (crianças de 4 a 5 anos), pois observamos o grande interesse por parte das crianças ao ouvir as contações de histórias. Diante disso, ao realizar pesquisas sobre o assunto “leitura de histórias”, observamos que o termo “contação de histórias” era bastante frequente nas pesquisas. A esse respeito, é válido destacar que há uma diferença entre ler e contar histórias. Dessa forma, o ato de contar de histórias será o objeto de estudo deste trabalho.

Na prática da docência, ao utilizar essa ferramenta, o professor estará estimulando um eixo de ensino da Língua Portuguesa, relacionado ao desenvolvimento da oralidade. Ao trabalhar com a contação de histórias, as crianças aprendem a associar vivências, usar criatividade, ampliar o vocabulário, desenvolver a linguagem, como também, o exercício da imaginação (cf. RODRIGUES, 2005).

Objetivando organizar a discussão proposta neste trabalho, a monografia será dividida em capítulos. No primeiro capítulo abordaremos sobre a contação de histórias entrelaçando um diálogo entre os teóricos norteadores da presente pesquisa. No segundo capítulo, o caminho que transpôs o trabalho, desde os procedimentos metodológicos, campo de investigação, participantes da pesquisa, instrumentos para a coleta de dados e o método de análise. E o terceiro capítulo, apresentaremos a análise dos dados e resultados.

## CAPÍTULO I: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

### 1- A importância da Literatura na Educação Infantil

A literatura infantil surgiu a partir do século XVII com os estudos de Fenélon (1651-1715), cujo objetivo era educar moralmente as crianças. De acordo ainda com Cademartori (1986) a literatura infantil possui dois aspectos essenciais, no que se refere à sua função, que é divertir e ensinar. Dessa forma, vamos ter de um lado a literatura com sua fantasia, com o entusiasmo de ouvir histórias e estar próxima aos seus contos, fábulas, usando a imaginação; e do outro, a literatura que ensina, que diz respeito aos valores, ao caráter, cujas histórias têm uma estrutura relacionada à visão dualista de mundo, do bem e do mal, mostrando para às crianças quais exemplos de comportamentos deveriam seguir. A literatura infantil vai estar relacionada ao contato com os livros no modo geral, todavia destaco outra distinção de literatura que existe, sendo esta, a literatura oral. Cascudo (1984), afirma que o termo, criado por Paul Sébillot (1881), reúne gêneros da oralidade, como: contos, lendas, mitos, adivinhas, provérbios, parlendas, cantigas de roda, brincadeiras de roda, frases feitas, cantos, orações, transmitidos e conservados oralmente. “Sua característica é a persistência pela oralidade” (CASCUDO, 1984, p. 23). Assim sendo, este tipo de literatura refere-se a expressão por meio da fala, ou seja, um sujeito através de seu depoimento transmite oralmente de geração para geração.

Um dos espaços sociais importantes para apresentar a literatura infantil às crianças é a escola, pois é uma forma de garantir o direito às crianças a terem acesso ao mundo das histórias, de seus personagens e cenários. Grande parte da literatura infantil, os contos, as fábulas e outras histórias chegam às crianças pela boca do narrador, conhecidos como contadores de histórias. Daí a importância de se trabalhar as histórias com as crianças, narrando-as para elas, pois quando as crianças ouvem as histórias, enriquecem seu vocabulário, estimulam a imaginação e a criatividade. Dentre as histórias que compõem a literatura infantil temos os contos tradicionais, contos de fadas, lendas e fábulas.

Os contos de fadas carregam a fantasia e magia fazendo com que as crianças fiquem fascinadas pelas histórias. Histórias fantásticas, localizadas em lugares

distantes, histórias com príncipes, princesas, animais, bruxas e tantos outros personagens, que por sua vez, trazem ensinamentos às crianças como, conhecer o amor, a valorizar a amizade, saber lidar com a perda, entre outros. O conto de fadas por ser uma história de fácil compreensão devido a sua linguagem cheia de metáforas permite que as crianças incorporem as características dos mais diversos e diferentes personagens nos mais diferentes cenários. Logo, quando as crianças ouvem histórias, viajam no mundo da fantasia, através da imaginação, conhecendo diversos mundos, tempos, outras pessoas, como aponta Abramovich (1991, p.17) “[...] é através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica [...]”.

Portanto, o conto, a fábula e tantos outros fazem parte da composição da literatura infantil. Por isso, é tão importante disponibilizar o acesso à literatura infantil, pois convida a criança a mergulhar no mundo da fantasia com as histórias, como também, saber lidar com seus conflitos existentes na vida real, como, por exemplo, o medo, a perda, a coragem e tantos outros, que por sua vez, não conseguem ser expressos. Portanto, podemos afirmar isso por meio da fala de Abramovich (1997, p.17) que “[...] As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos”. Oliveira (1996, p. 27) afirma que,

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico e o outro, para o desenvolvimento psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais.

Assim, a literatura infantil leva a criança a descobrir o mundo ao seu redor, em que seus sonhos estão interligados com a sua realidade, no qual o mundo imaginário e a fantasia estarão relacionados com o mundo real, dentro da possibilidade e impossibilidade de acontecer ou não. Portanto, tanto a literatura infantil quanto a literatura oral, são essenciais no que refere ao desenvolvimento das crianças, enquanto uma se apresenta às crianças através dos livros, fazendo elas viagem no mundo da fantasia através das histórias, a outra se mostra por meio da fala, narrando histórias, relatos e acontecimentos que são passados de geração em geração. Diante disso, destaco esta última como sendo o foco central do trabalho.



## 2 - A Arte de contar histórias: origem e os contadores de histórias

Para iniciar este segundo tópico sobre a arte de contar história, é importante compreender como teve origem a ação de contar histórias.

Desde sempre, o homem contou histórias, deu vazão à sua intrínseca necessidade de comunicação, traduzindo, por meio de palavras, os acontecimentos cotidianos, as memórias transmitidas por seus ancestrais, as dúvidas, alegrias, angústias e prazeres de sua existência. Em tempos passados era ao redor de uma fogueira que pessoas se reuniam para escutar os mais velhos narrarem suas aventuras, lembranças e ensinamentos (FLECK, 2007, p. 219).

Com isso, as pessoas reunidas contavam e repetiam histórias, para assim, guardarem suas tradições e sua língua. Dessa forma, a história era transmitida de geração em geração, junto com os mitos, as crenças, os valores e os costumes a serem protegidos pela comunidade. Busatto (2012) define esse contador de história como uma “figura ancestral que ficava ao redor do fogo, ao pé da cama, contando histórias para quem quisesse ouvir, na maioria das vezes narrativas do seu povo que havia gravado em sua memória por meio da oralidade” (p.10).

Contar histórias faz parte da cultura do homem, a qual veio antes da produção da escrita, todavia, com a chegada da urbanização e do avanço da tecnologia, o ato de contar histórias foi se perdendo com o tempo, logo, se tinha a diminuição da formação de rodas de contar histórias, ocorrendo assim, um esquecimento do contador de histórias. Somente com o passar das gerações é que aos poucos surgiu uma nova concepção de contadores de histórias, chamados de contadores urbanos, agora, este tipo de contador faz uso de recursos e técnicas visuais para chamar a atenção de um novo público. Podemos constatar isso na fala de Ramos (2011):

Em meados do séc. XX, os contadores de histórias, após terem quase submergido em consequência do surgimento das novas mídias, ressurgem, como fenômeno urbano, dando origem, ao que hoje se conhece como novos contadores, ou contadores urbanos. (RAMOS, 2011, p.31).

Desde então, começaram a surgir outros tipos de contadores de histórias, com exceção do contador tradicional, que é aquele contador que carrega consigo a tradição de contar, nascido em sua comunidade tem a função de narrar histórias, que

já faz parte da cultura do seu povo, do seu cotidiano, este pode-se dizer que é foi o primeiro contador de histórias. Este tipo de contador faz uso apenas da oralidade, cujo objetivo é transmitir saberes hereditários passados de geração em geração, deixando vivo a memória de um povo. Diferente deste contador, temos o contador profissional e o educador contador. O contador profissional é aquele que elegeu esta expressão artística como uma possibilidade de profissão, tendo como base de inspiração, a tradição oral, este tipo de contador tem formação diversificada, podem ser: pedagogos, atores, artistas, bibliotecários, entre outros, espalhando histórias em diversos espaços, como: escolas, bibliotecas, museus, livrarias, e outros. Realizam cursos profissionalizantes para melhorar a atuação, utilizando-se de recursos para enriquecer ainda mais o momento da contação de histórias, como: figurinos, fantoches, maquiagem, instrumentos musicais, e outros. Já o educador contador, atua nas escolas, realiza adaptações nas histórias do seu jeito, dando a sua cara a história, como também, utilizando-se de recursos para prender a atenção, como: reconstruir cenários, faz uso de fantoches com personagens das histórias, repertórios construídos de contos de fadas resgatados dos livros, sendo uma maneira de despertar o interesse das crianças em querer ouvir o enredo das histórias. É desempenhado pela figura dos professores, cuja formação se dá a partir da formação de oficinas e que passam a utilizar este recurso como instrumento pedagógico em suas aulas, a qual dependendo do objetivo proposto em que o professor almeja alcançar é uma ferramenta que possibilita diversas aprendizagens: afetivas, sociais e cognitivas, no desenvolvimento das crianças.

Logo, a contação de histórias se propagou, ganhando destaque dentro do espaço escolar, e a escola passa a ser o espaço utilizado para o exercício desta prática, e da importância dela de apresentar esta expressão artística para as crianças dentro da sala de aula, tal como afirma Souza e Bernardino (2011, p. 241):

A escola tem uma grande responsabilidade nesse processo, o sistema educativo deve ajudar quem cresce em determinada cultura a se identificar, a partir das narrativas é possível construir uma identidade e de encontrar-se dentro da própria cultura, a escola deveria promover e divulgar contos orais [...] que mostrem à realidade pluricultural brasileira [...], [...] favorecendo deste modo a construção da identidade infantil.

Portanto, a escola torna-se o local propício para trabalhar a cultura oral, por meios das narrativas, mas, para que isso aconteça, precisa-se de uma articulação entre escola e professor, referente ao planejamento, organização, de como vai ser realizado o trabalho envolvendo os gêneros orais. Neste caso aqui destaco a prática da contação de histórias, da importância de ter um planejamento para a realização do momento de narrativas, construindo ambientes convidativos, de preferência calmos, sem barulho, para o momento da vivência, deixando os ouvintes confortáveis para o momento, como também, para não prejudicar a comunicação do contador com os ouvintes, desconcentrando-os. A contação de histórias, possui algumas características próprias e que para pôr em prática o contador deve estar atento: o cuidado na escolha das histórias que se destina ao público, o uso da voz, de maneira prolongada, como sendo um membro do corpo, como se faz uso dos gestos, não deixando utilizar-se de gestos do dia a dia, tornando-o mecânicos, sempre se fazer uso de explorar gestos de forma mais pessoal possível, pois proporcionar sensações, despertando-o para quem ouve, fazendo com que o momento se torne ainda mais mágico e por fim, o uso do olhar: olha para o público; olha para dentro de si mesmo; e olha para as imagens mentais das histórias que está contando. E o mais importante, a preparação, chamando a atenção do contador de não apenas ficar focado em “decorar” o texto, pois contar histórias demanda outros aspectos: emoção, texto, adequação, corpo, voz, olhar, espontaneidade/naturalidade, ritmo, clima, memória, credibilidade, pausas/silêncios, e elemento estético (SISTO, 2012).

Para muitas pessoas, o contador de histórias já nasce pronto para contar histórias, mas isso não é verdade, ser contador de histórias precisa de alguns requisitos necessários: gostar de contar histórias e a necessidade de se aperfeiçoar com técnicas na prática para dominar esta arte que encanta as crianças (FONTES, 2014; OLIVEIRA, 2014). Portanto, a ação de contar histórias pode ser praticada por qualquer pessoa, desde que goste de contar histórias e que busque aprender técnicas de contação de histórias através de cursos.

É imprescindível esclarecer que mesmo nos tempos atuais se pode encontrar pensamentos que acreditam que contar histórias e ler histórias são a mesma coisa, todavia, é perceptível que são práticas pedagógicas distintas. Denise Guilherme (2011) explica que ler uma história é uma forma de apresentar a obra conforme sua

linguagem original, nas palavras do autor. Já contar histórias vai muito além de decorar texto, e em seguida narrar, envolve entrega de corpo e alma, espontaneidade, olho a olho com o público, interação, as palavras contadas ao sair da boca adquire uma aspecto melódico, ritmo, como também, tem a possibilidade de agregar outros recursos ao enredo, como, os materiais escolhidos para o momento da contação, como por exemplos, os instrumentos musicais que servem para iniciar as histórias, chamando a atenção das crianças para ouvir as narrativas, dando assim uma incrementada nos contos de fadas; os fantoches, que ilustram os personagens das histórias contadas encantando as crianças, aproximando-as ao contato com a história de maneira lúdica; e outros objetos, como: baú com materiais que serão usados na história; imagens dos personagens da história; luvas para dar movimento aos personagens da história, entre outros.

Logo, é importante ter o conhecimento sobre esta distinção entre contar histórias e ler histórias, para que não ocorra de pôr em prática de maneira equivocada, pois são práticas com particularidades distintas, todavia nem uma das duas se sobressai a outra, ambas são importantes para o desenvolvimento integral das crianças, pois oportuniza diversas aprendizagens.

### **3 - O que os Documentos Nacionais apontam em relação ao trabalho envolvendo a contação de histórias na Educação Infantil?**

A Base Nacional Comum Curricular (2017) estabelece cinco campos de experiências que podem contribuir para aprendizagem e desenvolvimento das crianças, são eles: “O eu, o outro e o nós”; “Corpo, gestos e movimentos”; “Traços, sons, cores e formas”; “Escuta, fala, pensamento e imaginação”; e “Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações”.

O eu, o outro e o nós”, consiste o início de suas “experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, [...], identificando-se como seres individuais e sociais”. Valorizando assim, “sua identidade, respeitando os outros e reconhecendo as diferenças que nos constituem como seres humanos”. (BNCC, 2017, p. 40).

“Corpo, gestos e movimentos”, foca a exploração dos movimentos corporais “(por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos)” [...], como também, “o uso do espaço com o corpo (tais como sentar com apoio, rastejar, engatinhar, escorregar, caminhar apoiando-se em berços, mesas e cordas, saltar, escalar, equilibrar-se, correr, dar cambalhotas, alongar-se etc.)”. O uso “das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, fazem parte deste campo, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem”. (BNCC, 2017, p. 41).

Traços, sons, cores e formas”, refere-se a convivência das “diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens”, [...]. De modo, “a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfiguram”, [...]. (BNCC, 2017, p. 41).

“Escuta, fala, pensamento e imaginação”, é o campo de experiência que enfatiza a linguagem oral, aproximando e ampliando as diferentes formas de comunicação da criança em situações sociais. Nesse campo também, abordar-se o uso da “escrita, as experiências com a literatura infantil, [...] que contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo”. (BNCC, 2017, p. 42).

“Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, destaca a relação com “o mundo físico e sociocultural”, como também, o aprendizado “com os conhecimentos matemáticos (contagem, ordenação, relações entre quantidades, dimensões, medidas, comparação de pesos e de comprimentos”, [...]. Promovendo assim, “experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações”. (BNCC, 2017, p.42-43).

Desse modo, cada campo de experiência aponta saberes essenciais que devem ser promovidos às crianças, para que possam aprender e se desenvolver, nos

seguintes aspectos: desenvolvimento motor, habilidades socioemocionais e linguísticas e competências cognitivas.

No que se refere ao trabalho envolvendo o desenvolvimento da oralidade, destacamos o campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação” que aborda a importância de promover situações, em que a criança possa falar e ouvir, estimulando-a a participar da cultura oral, pois é através de ouvir histórias, de participar de conversas, ao descrever situações, e tantas outras, que criança consegue se desenvolver nas mais variadas linguagens, tornando-se sujeito particular e pertencente a um grupo social.

Destacamos aqui alguns objetivos de aprendizagens que o documento estabelece para o trabalho com as crianças de 3 anos de idade, no que se refere ao desenvolvimento da oralidade,

Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões; Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos; Relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais assistidos etc. (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2017, p.49).

Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos; Manipular textos e participar de situações de escuta para ampliar seu contato com diferentes gêneros textuais (parlendas, histórias de aventura, tirinhas, cartazes de sala, cardápios, notícias etc. (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2017, p.50).

O PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2016) é outro documento que aborda a importância de se trabalhar com as narrativas, em creches e pré-escolas. Sendo assim, o PNAIC dispõe de cadernos que trazem orientações para o planejamento dos professores da educação infantil.

Como fundamentação, o PNAIC baseou-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais (2010) que determinam, no artigo 9º, tendo como eixos norteadores as interações e brincadeiras, as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil, a qual devem garantir amplo campo de experiências, dentre elas, está o trabalho com as narrativas: III – “possibilitem às crianças

experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral [...] e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais”; [...] (BRASIL, 2009, p.25).

Sendo assim, o PNAIC dispôs de cadernos que apresentam os conteúdos a serem trabalhados com as crianças, entre os cadernos, temos o caderno 3 cujo tema: Linguagem oral e linguagem escrita na Educação Infantil: práticas e interações, aborda sobre a oralidade, na perspectiva da importância de se trabalhar a roda de conversa, como uma atividade diária na educação infantil. O documento também aborda sobre a importância de ouvir e contar histórias, em sala de aula.

Por fim, temos o caderno 6, deste Programa intitulado, “Currículo e Linguagem na Educação Infantil”, no que se refere à oralidade, aborda que a linguagem interpessoal das crianças se inicia com o olhar, gestos, com os sons, e sentidos. O presente caderno cita o DCNEI acerca dessa discussão trazendo a seguinte fala:

É importante lembrar que dentre os bens culturais que crianças têm o direito a ter acesso está a linguagem verbal, que inclui a linguagem oral e a escrita, instrumentos básicos de expressão de ideias, sentimentos e imaginação. A aquisição da linguagem oral depende das possibilidades das crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas onde podem comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios pontos de vista, diferenciar conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo. É um processo que precisa ser planejado e continuamente trabalhado (DCNEI, 2009, [s.p.]).

Desse modo, o DCNEI (2009), aponta, como é importante que na escola as crianças participem como sujeitos ativos do processo de ensino e de aprendizagem.

Segundo Barbosa e Delgado (2012) a creche e a pré-escola, vêm sendo vistas como espaços de transmissão de cultura oral nas sociedades letradas, pois é nelas, que os adultos têm o tempo e espaços para sentar com as crianças, escutá-las e conversar. “É nela[s] que adultos e crianças se sentam para [...] ouvir histórias, lendas, contos de fadas; [...] que durante muitos séculos acompanharam o desenvolvimento humano” (BARBOSA; DELGADO, 2012, p. 134).

Diante do exposto, é fundamental procuramos conhecer as pesquisas realizadas nos últimos anos, a fim de compreender como o trabalho envolvendo a contação de história vem sendo realizado.

#### 4 - O que as pesquisas apontam em relação ao trabalho envolvendo contação de histórias?

Neste tópico, buscou-se elucidar e embasar a temática da presente pesquisa, através de levantamentos bibliográficos sobre a contação de histórias como estratégia de ensino. Para isso, foi realizada uma busca no Catálogo de teses e dissertações da Capes e no Google Acadêmico entre os anos de 2015 até 2019.

Quadro 1: Levantamento das pesquisas Capes e Google Acadêmico.

Ano	Título	Autor(res)/ local de publicação	Objetivo Geral	Principais Resultados
2015	A importância da contação de histórias na educação infantil	Josefa Ferreira de Lacerda / João Pessoa	- Discutir sobre a importância da contação de história na educação infantil.	Os resultados confirmam que de fato a contação de história é uma arte que deve ser reconhecida como prática oral de um patrimônio cultural capaz de proporcionar prazer e lazer e que por meio deste processo as crianças aprendem a falar melhor, usam a imaginação e se desenvolvem muito mais.



2016	As vozes da infância: narrativas e histórias das crianças em interações em uma UMEI de Belo Horizonte	Priscilla Moura Bastos Moraes/ Belo Horizonte	- Analisar a linguagem oral de crianças a partir das narrativas e histórias que contam em interações em uma Unidade Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte	Este trabalho identificou em diferentes situações a ludicidade que permeia os seus relatos, as suas histórias e suas invenções. As crianças pertencem a uma cultura social geral e produzem no interior desta a cultura infantil, significando e ressignificando o mundo. É preciso ouvir o que as crianças têm a dizer para aprendermos um pouco mais com elas sobre a infância, a experiência que as constitui. E a linguagem é o caminho privilegiado para essa interação e para esse diálogo. As crianças, como os poetas, são ávidas pelo encontro com as palavras. Nelas e com elas, crianças e poetas inventam a existência, produzem significados e compreendem o mundo e seus códigos naturais, culturais e sociais. Brincando com as palavras, deslizando através de metáforas e metonímias, imaginam mundos circulando do convencional para o não convencional e vice-versa. É na linguagem e pela linguagem que as
------	---	--	--	--

				crianças vivenciam a cultura de pares (CORSARO, 2011), produzem e reproduzem contextos sociais, atribuem sentidos próprios à existência e resistem à pretensão adulta de tudo controlar e todos governar.
2017	Contação de histórias e dialogia na educação infantil: uma experiência educativa	Leticia Sodré/ São Paulo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender de que modo as crianças estruturavam suas falas e sobre que temas nos momentos de contação de histórias;</li> <li>- Investigar de que modo a contação de histórias aliada ao exercício dialógico, poderia servir as crianças como uma experiência educativa</li> </ul>	Os resultados da pesquisa constata que as crianças se comunicam de maneira subjetiva, intertextual e imprimindo em suas falas uma espécie de amostra concentrada do que comunica o senso comum, de forma marcadamente binária. Notamos também a essencialidade da mediação do adulto para que não venham a ser reforçados estereótipos e preconceitos. Percebemos que a narração de contos, nesta investigação, foi grande provocadora de conexões com aquilo que as crianças já possuíam de referências do seu

				<p>universo cultural. Já a prática de um diálogo voltado ao compartilhamento de sensações, pensamentos e imagens internas lhes possibilitou um reconhecimento e uma compreensão mais clara dos seus conhecimentos prévios (Bakhtin, 1992b).</p>
--	--	--	--	---

2018	A contação de histórias como recurso pedagógico no desenvolvimento da criança na educação infantil	Sheila Costa Chaves Barroso / João Pessoa	- Analisar as possibilidades que existem através do recurso pedagógico da contação de história	<p>Por meio desse estudo foi possível constatar o quanto a literatura infantil é importante nas práticas pedagógicas para a Educação Infantil.</p> <p>Percebeu-se também que os professores e funcionários pesquisados da referida instituição, reconhecem a importância de utilizar a contação de história no planejamento escolar, e que através dessa prática, além de possibilitar o desenvolvimento da criança, tem como propósito formar um futuro leitor.</p>
------	--	---	--	--

2019	As contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento do processo de aprendizagem da criança no espaço da educação infantil	Natalia de Carvalho, et. al., / Ponta Grossa	- Analisar as contribuições da contação de história para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil	Conclui-se a partir do estudo a importância da contação de histórias para o desenvolvimento cognitivo da criança, pois, propicia curiosidade, a fantasia, imaginação, oralidade, socialização e autonomia entre outros, que contribuem de forma relevante para sua qualidade de vida. Comprovou-se também que a contação de história é uma importante ferramenta metodológica coadjuvante no processo de ensino e a aprendizagem da criança na Educação Infantil
------	--	--	--	--

Encontramos 5 pesquisas acadêmicas, que discorrem sobre o estudo aqui pesquisado, das quais destacamos seus principais resultados.

O estudo de Lacerda (2015), teve a intenção de discutir sobre a importância da contação de história na educação infantil, além de apresentar técnicas de como o educador pode trabalhar com esse fazer poético, utilizando a literatura infantil, nos dias atuais. O trabalho apoia-se em obras de autores como Coelho (2000), Abramovich (2005), Costa (2008), Füller (2009) e das experiências da pesquisadora no projeto “Contar e recontar: caminhos de leitura”, desenvolvido em Escola de Educação Básica, através do PROLICEN/UFPB. Os resultados indicaram que a contação de histórias faz com que a criança desenvolva o seu potencial de aprendizagem, estimulando nela o seu fator cognitivo através do incentivo à leitura, e que a prática da contação de histórias na educação infantil tem sido cada vez mais

presente na vida dos educadores e educandos, tornando a aula significativa, mas prazerosa e rica no que diz respeito à aprendizagem. Observou-se também, que por meio das histórias as crianças sentem emoções diferenciadas como: alegrias, tristezas, saudades, ansiedade, medo, etc.

Já o estudo de Moraes (2016), teve como objetivo analisar a linguagem oral de crianças a partir das narrativas e estórias que contam em interações em uma Unidade Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte. O trabalho apoia-se nos estudos de Corsaro (2011), Sarmiento e Gouvêa (2009), Benjamin (1994; 2002; 2013) e Vygotsky (2014). Os resultados indicaram que as narrativas ativam a lembrança, fortalecem a memória e compõem as experiências de nossa subjetividade como ser individual e coletivo, que não apenas passa pela vida, mas participa de acontecimentos, como também, ao contar e narrar, as crianças superam a timidez e isso facilita a interação na UMEI e na vida.

O estudo de Sodré (2017), teve como intuito compreender de que modo as crianças estruturavam suas falas e sobre que temas problematizavam nessas oportunidades, e de que modo a cont a o de histórias aliada ao exercício dialógico, poderia servir às crianças como uma experiência educativa. O trabalho se baseou nas obras de Bruner (1974; 1986; 1990a; 1990b; 1997a; 1997b; 1999; 2001; 2003), Egan (2002) e Machado (2015). Os resultados apontaram que as crianças se comunicam de maneira subjetiva, intertextual e imprimindo em suas falas uma espécie de amostra concentrada do que comunica o senso comum, de forma marcadamente binária, indo contra as figuras sociais menos valorizadas, como, ladrões e serviçais, tendo preferência às figuras mais queridas socialmente, por exemplo, o rei e o aventureiro. Observou-se também, que a narra o de contos provocam conexões com aquilo que as crianças já possuíam de referências do seu universo cultural; e que a prática do diálogo voltado ao compartilhamento de sensa es, sentimentos e imagens internas, possibilitam um reconhecimento e uma compreensão mais clara dos seus conhecimentos prévios (BAKHTIN, 1992b).

Barroso (2018), em seu estudo, teve como objetivo analisar as possibilidades que existem através do recurso pedagógico da cont a o de histórias. O trabalho fundamenta-se nos estudos Paschoal e Machado (2009), Kuhlmann Júnior (2000),

Kramer (2003), Oliveira (2002), Busatto (2012), Tahan (1966), Abramovich (1993) e nos documentos legais brasileiros. Por meio desse estudo foi possível constatar o quanto a literatura infantil é importante nas práticas pedagógicas para a Educação Infantil, e que os contos, são as histórias mais abordadas pelas educadoras, entrelaçado com o uso da ludicidade, contribuindo para despertar o interesse e a curiosidade das crianças.

O artigo de Carvalho *et. al.* (2019), teve como objetivo analisar as contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento do processo de aprendizagem da criança no espaço da Educação Infantil. O trabalho foi embasado nos estudos dos seguintes autores, Abramovich (1997), Tahan (1966), Coelho (2002). Constatou-se a partir do estudo a importância da contação de história para o desenvolvimento cognitivo da criança, pois propicia a curiosidade, a fantasia, imaginação, oralidade, socialização e autonomia entre outros, relacionando à fantasia com a realidade, colaborando assim, na construção de sua identidade pessoal; e também, comprovou-se que a contação de história é uma importante ferramenta metodológica coadjuvante no processo de ensino e a aprendizagem da criança na Educação Infantil.

Coadunando com os resultados das pesquisas levantadas, infere-se que a contação de histórias é um instrumento pedagógico de grande relevância, já que auxilia no processo de ensino aprendizagem, contribuindo assim, na formação do educando da educação infantil.

## CAPÍTULO II: METODOLOGIA: TRAÇANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA

Esse capítulo tratará dos caminhos traçados para a construção da pesquisa. Utilizamos de uma abordagem qualitativa, pois a pesquisa teve como objetivo compreender um fenômeno em particular (LUDKE; ANDRÉ, 1986), em relação às práticas de contação de histórias. André (1995) define essa abordagem como:

Naturalística ou naturalista porque não envolve manipulação de variáveis, nem tratamento experimental; é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural. Qualitativa porque se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas (p.17)

A presente pesquisa trata de um estudo de caso, baseado na abordagem de André (2013, p. 97), “estudos de caso podem ser usados em avaliação ou pesquisa educacional para descrever e analisar uma unidade social, considerando suas múltiplas dimensões e sua dinâmica natural”.

A pesquisa aconteceu em três fases: a fase exploratória, com a escolha do caso a ser estudado; a fase de coleta de dados, no qual aplicamos os instrumentos para obtenção dos dados; e a fase de descrição e análise sistemática dos dados, que consistiu em analisar os dados recolhidos para assim dar início a construção dos resultados e de suas análises.

### 1 - Campo de Investigação

O caso a ser estudado é a prática de uma professora da educação infantil, grupo 3 (crianças de 3 a 4 anos) em relação ao trabalho envolvendo a contação de histórias, da escola municipal “X”, localizada na cidade de Recife - PE, no bairro de Boa Viagem.

**1.1- Caracterização da turma:** A turma era composta por 22 alunos. Nos dias observados estavam presentes uma média de 12 a 17 crianças. A turma tinha uma



aluna autista com altas habilidades e uma aluna autista nível 3. A professora conta com o apoio de uma ADI- Auxiliar de Desenvolvimento Infantil e de duas estagiárias.

**1.2- Caracterização da sala:** A sala de aula era grande e bem arejada, possuía mesas e cadeiras adequadas à faixa etária das crianças, armário com livros, materiais, jogos e brinquedos, birô, quadro branco, cartazes da rotina e da chamada com o nome dos estudantes, varal com livros, ar-condicionado, colchões, banheiro, pia e varal de atividades.

## **2 - Participantes da Pesquisa**

Este estudo foi realizado com uma professora da educação infantil, grupo 3 (crianças de 3 a 4 anos) da escola municipal “x”, localizada na cidade de Recife - PE, no bairro de Boa Viagem.

A princípio foi realizado um levantamento de dados da professora (ver apêndice C), através da aplicação de um questionário, com o qual obtivemos algumas informações acerca do contato da professora com a contação de histórias.

A escolha da professora como objeto de pesquisa do presente trabalho se deu porque o objetivo do trabalho era encontrar uma professora que tivesse cursos de contação de histórias e que praticasse em sala de aula, a prática de contação de histórias, mais especificamente numa turma de educação infantil. Diante disso, realizei alguns telefonemas com outras professoras da Rede Municipal do Recife para levantar possíveis professoras que tivessem formação em contação de histórias e que trabalhassem com esta prática em sua rotina com as crianças. A professora, que iremos chamar aqui pelo sobrenome Moura, por questões éticas, possui idade acima dos 25 anos e tinha graduação em Pedagogia. Ela informou que leciona há mais de 6 anos na educação básica. Afirmou na entrevista que ao longo da sua infância teve pouco contato com os livros de história, mas que ouviu muitas histórias durante a sua infância. Vale salientar que por ter trabalhado em uma biblioteca, a professora percebeu que as crianças pediam para contar histórias, e então se dedicou a conhecer mais sobre a prática da contação de histórias, vindo mais tarde, a concluir cursos dois cursos de contação de histórias, um no Sesc e outro na Caixa Cultural.

### 3 - Instrumentos para a Coleta de Dados

Os dados foram coletados através da observação total, a entrevista semiestruturada e questionário fechado, sendo baseados em Ludke e André (1986), Gil (1999) e Marconi e Lakatos (1999).

A observação total é quando o pesquisador apenas observa, não tendo nenhuma interação com os sujeitos (GIL, 1999). Antes de realizar as observações, foi planejado um roteiro (ver apêndice A). As observações foram registradas em diário de campo e utilizadas para descrever os momentos de contação de histórias, sendo observados no total de 5 histórias, entre os meses de outubro, novembro e dezembro de 2019, no qual pudemos observar a prática da professora envolvendo a contação de histórias, como também, descrever o planejamento das aulas e da rotina das crianças.

A entrevista semiestruturada, trata-se de perguntas abertas e fechadas, (ver apêndice B). O pesquisador realiza perguntas pré-estabelecidas, podendo acrescentar outras no decorrer da entrevista. Estas foram realizadas por meio de uma lista de perguntas pré-definidas, flexíveis e gravadas enquanto estavam sendo aplicadas. A esse respeito, Ludke e André (1986) discorrem:

[...] por exemplo, a visão de uma professora sobre o processo de alfabetização em uma escola de periferia [...] então é melhor nos prepararmos para uma entrevista longa, mais cuidada, feita provavelmente com base em um roteiro, mas com grande flexibilidade. (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p.35).

A entrevista foi previamente agendada junto a professora, sendo realizada no dia 5 de dezembro de 2019 no espaço escolar em que a professora trabalhava. A entrevista aconteceu no final da aula. Realizamos 13 perguntas (Apêndice B) relacionadas à concepção da professora sobre a contação de histórias, a rotina e ao planejamento. Ao chegarem à sala a pesquisadora e a professora sentaram de frente uma para outra e a pesquisadora com o roteiro da entrevista (Apêndice B) em mãos foi realizando as perguntas com o auxílio do gravador de voz (aplicativo de celular), sendo os áudios da entrevista a posteriori transcritos.

Como terceira técnica de coleta de dados utilizou-se o questionário (ver apêndice C), que por sua vez, é “composto por um número de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (GIL, 1999, p.128). Em relação ao tipo de questão optou-se por questões fechadas, pois estas, “apresentam ao respondente um conjunto de alternativas de respostas para que seja escolhida a que melhor apresenta sua situação” (GIL, 1999, p.129). A princípio foi realizado um levantamento de dados da professora que constam no Apêndice C deste trabalho, através da aplicação de um questionário, no qual obtivemos algumas informações acerca do contato da professora com a contação de histórias.

#### 4 - Metodologia de Análise

Como metodologia de análise, nos inspiramos na análise de conteúdo.

A análise de conteúdo foi desenvolvida nos Estados Unidos, no início do século XX, sendo uma técnica de grande relevância para as ciências de comunicação (BARDIN, 2016). De início este recurso foi aplicado para compreender os artigos e propagandas da imprensa escrita nos Estados Unidos, e atualmente, vem sendo bastante utilizado principalmente nas pesquisas científicas de caráter qualitativo.

Segundo Bardin (2016, p.15) análise de conteúdo é “Um conjunto de instrumentos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. Assim sendo, o procedimento de análise dos dados deste estudo, consistiram em uma análise inspirada em Bardin (2016), na qual, apontamos as seguintes fases:

1) Pré-análise: refere-se a fase da organização, possui três etapas de desenvolvimento no processo de análise de conteúdo: 1) “a *escolha* dos documentos a serem submetidos à análise; 2) a formulação das *hipóteses* e dos objetivos; 3) a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final”. Neste trabalho o *corpus* da pesquisa se constitui pelas transcrições de entrevista e observações de campo. A princípio a leitura deve ser “*flutuante*”, pois teve como objetivo “estabelecer contatos com os documentos a analisar e conhecer o texto, proporcionando o aparecimento de suposições e orientações”. Posteriormente, direcionamos a elaboração dos indicadores, que por sua vez, serviram para a interpretação dos resultados (BARDIN, 2016, p. 125).

2) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: nesta fase de organização de análise “os resultados brutos são tratados e permitem estabelecer quadros de resultados, nos quais, evidenciam as informações fornecidas pelo procedimento de análise”. O pesquisador “tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou que digam a respeito ao aparecimento de novos achados inesperados” (BARDIN, 2016, p. 131).

### CAPÍTULO III: ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS

Neste capítulo propomos abordar os achados encontrados do presente trabalho. A partir das respostas da professora e das observações feitas no campo. Categorizamos, para fins de análise dos dados, as ações realizadas em torno da temática Contação de histórias, em três categorias que podem ser visualizadas na figura 01 abaixo:



As categorias abaixo respondem os objetivos propostos do presente trabalho. O primeiro tópico 3.1 refere-se à concepção da professora em relação ao trabalho envolvendo a contação de histórias, o tópico 3.2 aborda como a professora planejava suas aulas envolvendo o trabalho com contação de histórias e o último tópico 3.3 apresenta o que a professora fazia e priorizava em sua rotina.

## 1 - Concepção da professora sobre a contação de histórias

O ato de contar histórias em ambiente escolar é amplamente difundido nos documentos curriculares da infância, entre esses documentos, está a Base Nacional Comum Curricular voltada para a Educação Infantil (BRASIL, 2017) que preconiza um campo de experiência dedicado a esse aspecto, o eixo “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação que organiza as ações que permeiam o ato de contar histórias.

De acordo com esse documento, ao trabalhar com a contação de histórias possibilitamos a criança expressar suas ideias, suas intenções, desejos, sentimentos, experiências e vivências usando primordialmente, sua faculdade linguística oral, por meio do ato de ouvir histórias (cf. BRASIL, 2017). A esse respeito, a professora ao abordar sobre a relevância de contar histórias na educação infantil aponta, muitas das questões discutidas na BNCC. Nesse sentido, ao ser questionada “Por que você acha importante o trabalho envolvendo a contação de histórias?” a professora nos deu o seguinte relato:

Através do trabalho de contação de história, a criança consegue interpretar situações do cotidiano dela. Ela consegue se colocar no lugar do personagem. Consegue dar lugar a imaginação dela, muitas vezes ela fala de contextos que antes ela não conseguia falar em situações normais, né? E aí através do trabalho de contação de história a criança entra num universo que muitas vezes não é o universo dela, não é o universo que ela está inserida, então ajuda ela. Eu já passei por situações de através da contação de história a criança consegue se expressar, expressar sentimentos que estavam dentro dela, que ela... em situações de rodas, situações de conversar ela não conseguia, então eu acho que através da contação de história, a criança tem essa possibilidade de passar do universo real, pro universo imaginário, que é tão presente na idade, né? De na idade de criança pequena, antes de chegar à adolescência. (Entrevista realizada com a professora no dia 5 de dezembro de 2019).

O discurso da professora potencializa a importância de permitir à criança estar em sua inteireza, considerando as falas delas durante o processo de contar histórias, possibilitando fluir aspectos imaginativos e a construção de significados entre o mundo real e o imaginário. Além de acolher questões ligadas aos sentimentos da criança, suas emoções, que são elementos que fazem parte do exigido para o

desenvolvimento integral delas (cf. BRASIL, 2010; BROUGÉRE, 1998). Confirmando esse pensamento, Rodrigues (2005, p.4) evidencia que:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

As intencionalidades educativas ampliadas e proporcionadas pelo processo de contar histórias às crianças fomentam o desenvolvimento de características ligadas ao entendimento do mundo social, de padrões de comportamento, questões de valores, aspectos de cultura do mundo, bem como tornam evidentes singularidades dos pensamentos das crianças e de seus mundos sociais, o que pode ajudar a promover o respeito às diferenças, igualdade e senso de pertença a grupos sociais (cf. TAHAN, 1957).

Esse entendimento é levemente ratificado na fala da professora ao discursar sobre o que é possível desenvolver nas crianças com o predomínio da contação de histórias nos espaços educativos infantis quando perguntamos: “Quais conhecimentos você considera que são mobilizados na atividade de contação de histórias”? Nesse sentido, a professora nos relatou o seguinte:

Eu acho que a gente consegue desenvolver habilidades na questão social. Eles conseguem desenvolver habilidades na questão de socialização porque a gente consegue é tratar de temas com eles, a questão afetiva também é bem presente, questões mais adversas, a gente consegue também trabalhar questões conhecimentos cognitivos, curriculares né? Como letra, como cor, como número, enfim, é muito amplo, é muito rico. (Entrevista com a professora realizada no dia 5 de dezembro de 2019).

Em seu discurso a professora enfatiza elementos que estão conectados ao ato de contar história, o que leva a inferir que ela ao contar histórias, busca tratar de assuntos que permeiam a sociedade, como valores, cultura, comportamentos sociais etc. Esses aspectos são validados pela BNCC (BRASIL, 2017) ao descrever as aprendizagens essenciais para a educação infantil, enfatiza o desenvolvimento

dessas ações como importantes para que a criança se constitua como sujeito individual e coletivo (BRASIL, 2017).

Dentre o levantamento de pesquisas citadas no presente trabalho, destacamos o estudo de Lacerda (2015) que aponta que a prática da contação de histórias na educação infantil tem sido cada vez mais presente na vida dos educadores e educandos, tornando a aula mais significativa, mas prazerosa e rica, no que diz respeito à aprendizagem. Logo, um indivíduo envolvido com questões literárias, pode colaborar com a formação de outros. Nesse sentido, ao ser questionada: “O que fez você gostar de contar histórias para as crianças?”, visto que, é evidente o interesse em contação de histórias para seu respectivo grupo de crianças, a professora nos relatou o seguinte:

Na verdade a partir da experiência que eu tive na parte de biblioteca né, foi o que me chamou mais atenção, depois que eu tive essa vivência, aí eu comecei a ver o quanto era importante a parte da contação, quando eu trabalhava na biblioteca. Aí quando eu ia ler a história os meninos diziam “tia tu vai contar hoje? Eu não quero assim não, tira o livro” (risos) eles pediam para tirar o livro, eles pediam para eu parar de ler. Eles pediam pra eu contar com objeto né, “ah tia tu tá lendo hoje eu não gostei não” (crianças), então eu comecei a ver o interesse pela contação né, por ouvir uma história através de contação. Por isso, que hoje eu acho importante isso trazer, é, é uma vez ou outra assim sempre que possível, trazer, contar uma história, montar material, porque é diferente. (Entrevista realizada com a professora no dia 5 de dezembro de 2019).

A percepção das crianças, ao retirar da professora, o recurso livro para que ela pudesse realizar a história, demonstra a preferência delas pelo conto oral, sem livro, narrado diretamente pela professora. As crianças evidenciam que talvez carreguem a distinção entre ler e contar histórias, mesmo sem ter o domínio dessas nomenclaturas. Bem como, a orientação da professora em proporcionar às crianças estar em lugares de contatos literários fomenta “Interesse em ouvir histórias” - familiarizando a criança com as histórias, despertamos, para o futuro, esse interesse tão necessário” (TAHAN, 1957). No entanto, destacamos a relevância de também ler histórias para as crianças e não apenas criar situações envolvendo a contação de histórias. É importante que nas formações dos professores da educação infantil explorem as diferenças entre contar e ler histórias e a importância, de cada uma destas metodologias, para as crianças da Educação Infantil.



Outro aspecto que influencia no processo de contação de histórias da professora, é a ciência da distinção entre contar e ler histórias. Ao perguntarmos: “Você acha que há especificidades em ler histórias e contar? Se sim, quais?”, a professora nos informou o seguinte:

Quando a gente lê história a gente tá sendo fiel ao autor, ao escritor, a gente tem que fazer referência a quem escreveu a história, a gente vai ler o livro, vai mostrar que o que a gente tá falando, tá sendo lido, vai fazer sempre referência ao livro nesse sentido. Quando a gente conta a história, a gente pede licença poética ao escritor e pode dar a nossa cara pra história, às vezes acontece, eu tenho a maior dificuldade de ser fiel às palavras do escritor quando eu tô contando né? Muitas vezes eu coloco voz aos personagens porque é importante quando a gente tá contando dar a voz aos personagens. É diferente quando a gente tá só contando na 3ª pessoa. Eu aprendi isso quando estava nos cursos que eu fiz, e, então existe sim diferença entre contar e ler, contar é quando a gente tá usando recursos mais diversos e ler é quando a gente tem o livro como único meio. É importante demais também né? A leitura de livro. (Entrevista realizada com a professora no dia 5 de dezembro de 2019).

Acerca desse aspecto Guilherme (2011) destaca que sendo conceitos distintos, não existindo um mais importante que o outro. As duas práticas são de grande relevância ao se trabalhar com as crianças. A autora explica que, quando se lê uma história para uma criança é apresentada a obra segundo sua linguagem original, nas palavras do autor. Ao contrário de contar histórias que vai muito além de decorar texto e narrar, envolve entrega de corpo e alma, espontaneidade, olho a olho com o público, interação, as palavras contadas ao sair da boca adquire uma aspecto melódico, ritmo, podendo agregar outros recursos à história. No próprio discurso a professora descreve mais elementos que caracterizam o ato de contar histórias, como a utilização de técnicas de voz, modulações de entonação, que se tornam espécie de recursos que auxiliam durante o processo de contar histórias. Nas palavras de Tahan (1957, p. 7) “Não basta saber contar, é preciso saber a quem contar, quando contar, o que contar e como contar”.

Desse modo, as concepções da professora estão alinhadas e sincronizadas com o que rege as diretrizes para o ensino da educação na infância, como espaço de desenvolvimento integral da criança, em suas características intelectuais, emocionais, sociais, imaginativas e em múltiplas linguagens, primordialmente a oral.

Toda história possui seus personagens e cenários, logo o(a) contador(a) precisa preparar uma atmosfera mágica para narrar a história, para isso é necessário se utilizar de espaços e recursos, que por sua vez, auxiliam no momento da contação, assim sendo, o tópico a seguir aborda como a professora preparou o ambiente, espaço e recursos que usou na hora de contar histórias para as crianças.

## **2 - Ambientação, espaço, rotinas e recursos**

Na educação da infância há uma certa preocupação com a organização dos espaços e ambientes, pois é amplamente entendido que tais preocupações são importantes para o desenvolvimento das crianças. O espaço, enquanto nomenclatura se refere ao físico, como mobília, decoração e recursos materiais e didáticos. Enquanto o ambiente, que também está contido no espaço, se referem às relações que são travadas entre as pessoas que estão no espaço (cf. BARBOSA, 2006; FORNEIRO, 1998).

No que se refere à contação de histórias e educação infantil, os espaços podem impulsionar essas atividades e até criar rotinas de contação em lugares específicos. Em vista disso, ao ser questionada: “Você conta histórias em quais espaços da escola?”, a professora ao discursar sobre a existência de espaços para contar histórias nos relatou o seguinte: “Ou dentro da sala ou no espaço externo utilizando as árvores, inclusive eu vou fazer isso no da Chapeuzinho, contar lá fora”. (Entrevista realizada com a professora no dia 5 de dezembro de 2019).

Durante as observações esses momentos revelaram que a escolha do espaço de contação está associada à tipologia da história, o que é reforçado pelo próprio discurso da professora. No entanto, os dois espaços (sala de aula e área externa da escola) são bastante utilizados. Nessas situações a professora trava um alto grau de proximidade com as crianças posicionando na frente e a altura delas posicionadas ao chão. Segundo Silva (2018, p. 3) “Tais aspectos são cruciais para estabelecer uma relação autêntica, de apoio e partilhas com a criança”, bem como, a contação de histórias exige uma relação de aproximação entre o contador oral e o ouvinte.

Além da escolha do espaço/ambiente se faz necessário planejar como se organizará esse espaço, os objetos e recursos que auxiliarão durante o processo de contação. A esse respeito, ao ser questionada: “Como prepara o ambiente, escolhe os materiais? O que você prioriza?” a professora nos relatou o seguinte:

Pronto, eu é... o ritual de contação é desligar parte da luz do ambiente, cantar a música e iniciar a contação, aí eu posso iniciar, eu posso fazer a contação com a caixa surpresa, pode fazer a contação com ... sei lá, com o material que eu trouxe naquele dia, aí é que iniciou a contação, depois de fazer esse ritual. (Entrevista realizada com a professora no dia 5 de dezembro de 2019).

Os ritos auxiliam as crianças a se prepararem psicologicamente e voltarem suas atenções para esse momento. Nesse sentido, durante as observações isso foi perceptível, pois quando dava início ao momento da contação de histórias fazia uso do instrumento musical pandeiro, estabelecendo um rito de abertura para dar prosseguimento ao momento de contação de história. Ao tempo em que isso também contribuía para ter a atenção das crianças. A professora também fazia uso da vocalização, por meio de indagações às crianças do tipo “o que será, o que será que vai acontecer?” e as crianças apreensivas e silenciosas aguardavam o desenrolar da história. Seguindo os ritos ela também utilizava o instrumento musical com fins de silenciar as crianças para que pudessem ouvir a história cantarolando canções que reafirmam esse desejo: “zip zap, minha boquinha vou fechar, pois, tia Bia vai começar”.

Como também, utilizava frases introdutórias ao iniciar a narrativa, como: “Era uma vez; em um lugar bem distante; num belo dia”, expressões estas que indicam tempo e espaço. E quando acabava de narrar as histórias, ela dizia frases em que as crianças reconheciam que a história chegou ao final, por exemplo: “e essa história termina assim, e quem gostou bate palma pra mim, tocando assim em seguida o instrumento musical”; “Entrou por uma porta, saiu por outra, quem quiser que conte outra.”

Ao narrar as histórias, a professora fazia as vozes das personagens, imitando-os, modificava a entonação da voz, como também, usava gestos, expressões e imitava sons de objetos. Nas observações foi possível perceber que a professora modificava o final das histórias a seu jeito, dando outro final à história, como na situação da história de chapeuzinho vermelho, em que ela narrou que: “o caçador,

chapeuzinho e sua vovozinha passaram a tarde comendo os docinhos que sua netinha tinha trazido para a sua vovozinha e viveram felizes para sempre”.

Essas situações vivenciadas pela professora evidenciam que havia um planejamento para o momento da contação de histórias. Para isso, ela fazia uso de técnicas de contação de histórias, além de fazer uso da voz, com a narração tradicional. A professora acrescentava mais recursos como alterações na modulação da voz, o bom uso do espaço, do corpo para colaborar na construção do enredo da história (cf. COELHO, 2003). Bem como, “ao propor atividades de contação de histórias para as crianças, necessariamente, estaremos lidando com as possibilidades concretas de interpretação e criação que cada criança desenvolve, a partir da cultura que está inserida” (KAERCHER, 2011, p. 137).

Para contar histórias na educação infantil é preciso ter apoio de certos recursos sejam estes materiais ou não. Nessa perspectiva, ao ser questionada acerca de “Quais recursos utilizava para contação de histórias?” a professora nos relatou que utiliza variados recursos:

Muitos, qualquer um que tiver disponível, (risos), já utilizei vários recursos, e... utilizo, os personagens da história, literalmente bonequinho com o personagem, pode ser fantoche, pode ser lenço, pode ser canetinha, pode ser mais de diversos tipos. (Entrevista realizada com a professora no dia 5 de dezembro de 2019).

Sobre o uso de fantoches, Coelho (2003) afirma que é um recurso adequado para agregar certa magia, fascínio e expressividade à narração da história. Bem como, as crianças que têm oportunidade de ouvir histórias com essa infinidade de recursos entram em contato com aspectos imaginativos, com outras simbologias, ao tempo em que dentro do mundo fantasioso da contação podem apreender características morais constantes na narrativa que são aplicadas à vida em sociedade.

Durante as observações em variadas situações na rotina das crianças, foi percebível a multiplicidade de recursos que a professora utilizava para contar as histórias, em histórias como a de João e o Pé de Feijão, a professora organizava o cenário com elementos que representassem a narração como os personagens que eram bonecos, o pé de feijão e a casa de João todos feitos de pano (fotografia 1).

### Fotografia 1 - Cenário da história de João e o Pé de Feijão



Fonte: Mariana (2019).

Em histórias como Chapeuzinho Vermelho, o cenário estava contido dentro de um avental, junto com os personagens e elementos que compõem a história, ao tempo em que narra as situações da contação, os elementos surgiam (fotografia 2).

### Fotografia 2 - Avental com o cenário da história da Chapeuzinho Vermelho



Fonte: Mariana (2019).

Em outras histórias os cenários eram bastante elaborados com personagens feitos de barro, ilustração, como a imagem da galinha D'Angola, objetos que aparecem

na história feito com papel laminado, como a corrente de ouro (fotografia 3), e uso de instrumentos musicais, como tambor chinês para narrar a história de Bruna e a galinha D'Angola (fotografia 4).

### **Fotografia 3 - Professora com a corrente de ouro da história de Bruna e a galinha D'Angola**



Fonte: Mariana (2019).

### **Fotografia 4 - Instrumento musical tambor chinês**



Fonte: Mariana (2019).

Os recursos que a professora utilizava para o momento da contação de histórias eram confeccionados por ela, ou utilizava materiais que já estavam disponíveis na sala ou na instituição.

No âmbito dos recursos, o livro é visto e tido como um instrumento que descreve histórias, e era utilizado nas contações para expor às crianças sobre qual

seria a história narrada. No entanto, a professora enfatiza qual era seu uso estrito durante esse momento. A esse respeito, ao ser questionada: “Você utilizar o livro como recurso ao contar histórias? a professora em suas palavras nos relatou:

Eu já utilizei o livro como recurso, agora eu costumo não fazer tanto isso pra não, pra tentar diferenciar pra eles verem o que era leitura e o que é contação, mas, eu já utilizei o livro como recurso. Depois que eu aprendi na verdade, a diferença entre ler e contar foi que eu tentei fazer mais essa diferença, de não utilizar na hora que eu vou contar, não utilizar o livro. (Entrevista realizada com a professora no dia 5 de dezembro de 2019).

A conduta adotada pela professora reforça as concepções da necessária distinção entre ler história e contar histórias. Ao tempo em que quando ela expõe o livro às crianças, está garantindo a ideia concebida por Souza *et.al* (2015) de que os recursos por mais relevantes que sejam para contação, não anulam a relevância de apresentar o livro, pois é nessa síntese que a criança pode enxergar e compreender a história que ela ouviu do adulto. Dentro da rotina das crianças, ouvir histórias narradas pela professora tem certa regularidade semanal, a esse respeito ao ser questionada: “Quantas vezes na semana você conta histórias para as crianças? A professora nos relatou o seguinte:

Uma vez, eu conto com o material, contudo eu acho que é uma vez, duas vezes no máximo. Agora é claro que situações, por exemplo, às vezes na roda de conversa, eu tô contando algo que, por exemplo, na segunda-feira, ai eu vou chegar... “ah pessoal eu fui à praia e a gente fez assim e eu encontrei uma caixa de areia e eu brinquei com a minha filha”, então eu estou contando uma história que eu vivenciei, é diferente de uma história planejada né?, então, uma história planejada uma história que eu monto o material é uma vez por semana, é uma, duas, no máximo estourando, mas, situações de diálogo em que eu conto algo é diferente, é muito mais vezes né! (Entrevista realizada com a professora no dia 5 de dezembro de 2019).

A ilustração do que é contar histórias para a professora é bem visível, ela descreve que contar histórias para as crianças, deve ser de forma planejada, mas que também pode narrar algo, que necessariamente não é uma história planejada, mas um diálogo.

Segundo Brandão e Rosa (2011, p. 43) “A promoção de conversas em torno da escuta partilhada de histórias, aumenta, assim, a possibilidade do aluno, não apenas de compreender, mas de apreciar histórias, e para tanto, a mediação da professora é fundamental”.

Nesse sentido, o trabalho com rodas de conversas na rotina para narrar e ouvir histórias, contribuem para que as crianças se sintam ouvidas e possam expressar sua oralidade. Ainda, a professora que conta histórias na Educação Infantil está contribuindo para o desenvolvimento da linguagem e para a socialização de seu grupo, ampliando seu repertório de experiências e sua competência sócio comunicativa. Ser capaz de ouvir traz o potencial de ser capaz de dizer (BRANDÃO; ROSA, 2011, p. 37).

A contação de histórias requer planejamento, visto que, é uma prática que não deve ser feita de qualquer jeito, requerendo do contador planejamento e preparação para a realização da narrativa. Neste caso, o tópico abaixo retrata como a professora realizou o planejamento de suas aulas envolvendo o trabalho com contação de histórias com as crianças.

### **3 - Planejamento da professora para envolver as crianças na contação de histórias**

É amplamente defendido por estudiosos da infância o entendimento de que uma educação infantil, que efetivamente deseja cumprir a finalidade de desenvolver integralmente as crianças, tal qual preconiza os documentos pedagógicos orientadores infantis, deve expressar a concepção de que as “coisas relativas às crianças e para as crianças, só podem ser apreendidas pelas próprias crianças” (MALAGUZZI, 1999, p. 101; BRASIL, 2009). Nesse sentido, ao ser questionada: “Você deixa que as crianças participem da contação de histórias? Se sim, como? referente a participação das crianças no processo de contação de histórias, a professora informou-nos o seguinte:

Quando eu termino aí eu peço pra eles recontarem, que tem o momento de recontar, ou então, outro dia, eles vão recontar a história, aí dessa maneira que é a participação deles, agora, no meio da história eu geralmente não deixo não. (Entrevista realizada com a professora no dia 5 de dezembro de 2019).

Nas observações ficou evidente que a professora de fato fazia uso do reconto, como forma de perceber se as crianças haviam compreendido a história. Dessa forma, ela solicitava que recontassem respeitando seus jeitos, suas formas de dizer. Ao tempo em que se posicionava como mediadora visto que, quando as crianças paravam de narrar a história, a professora as auxiliava na narração, fazendo



perguntas como: “Como é a história?” “Depois disso o que vai acontecer? e agora?”. As ações de reconto aconteciam em duplas e/ou de modo individual. Diante desta atividade proposta pela professora ficou evidente a importância de promover situações em que as crianças participem ativamente, e a atividade do reconto acaba sendo uma de tantas experiências que a criança pode estar participando exercendo a sua fala, expandindo a linguagem oral, pois são nessas vivências que ela se desenvolve, com suas singularidades, como também, reconhecendo-se como integrante de um grupo social, visto que, segundo a Base Nacional Comum Curricular,

[...] é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BNCC, 2017, p. 42).

Ainda em sua fala, no que se refere à participação das crianças no momento da contação de histórias à professora explicita que não permite às crianças participarem efetivamente, por meio de falas ou ações durante o ato da contação. Acerca disso, ela nos relatou:

Eu tento fazer uma regra quando eu tô contando aí é faço perguntas, mas, além das perguntas que eu faço não deixo eles participarem não senão eu perco o fio da história, aí eu faço o combinado, geralmente é de eles não, não falar na hora da história eu vou tentando conduzir pra que eles ouçam o que eu tô falando. (Entrevista realizada com a professora no dia 5 de dezembro de 2019).

A professora negocia a participação das crianças e o momento em que ela deve acontecer, numa espécie de regulação. Isso é possível, porque durante as observações a postura da professora era de que as crianças se concentrassem na contação a partir dos breves questionamentos que eram realizados durante a narrativa, com o objetivo de aguçar a imaginação e concentração delas. Essa conduta é bastante adotada na educação infantil, como também, pelas técnicas de contação. Segundo Cardoso e Faria (2010, p. 7)

Deve haver um clima de mistério para envolver e não subestimar o ouvinte, deixando pairar os questionamentos para uma possível discussão após o momento da contação. O professor pode, a partir,

da história, criar novas propostas de atividades como desenho, teatro, entre outras.

Nesse sentido, se faz necessário tais indagações e participação dos ouvintes para que a contação flua de maneira prazerosa. Ainda sobre a participação do grupo de crianças no momento da contação de histórias, ao ser questionada: “Ao trabalhar com a contação de histórias, você escolhe ou deixa as crianças escolherem a história que querem ouvir?” se referindo se as crianças contribuem com suas escolhas acerca da história que poderá ser contada, à professora nos relatou: “A contação eu escolho, porque eu preciso montar o material, então eu que tenho que escolher né, mas, na leitura não, na leitura é diferente, na leitura eles podem escolher o livro” (Entrevista realizada com a professora no dia 5 de dezembro de 2019).

Diante da fala da professora acima, é perceptível que quando o assunto é a escolha da história que irá contar, as crianças não expressam suas opiniões ao escolher a história que querem ouvir, pois a professora compreende que é seu papel escolher qual história quer narrar, pois precisa confeccionar, organizar os recursos da história. No entanto é possível que as crianças participem desses momentos, pois elas podem expor falas sobre histórias dos livros que conhecem e a professora poderá direcionar sua ação e planejamento a partir do que as crianças sinalizam o que pode indicar que seus discursos serão considerados relevantes, como crianças que contribuem para seu próprio desenvolvimento. Por outra perspectiva, a professora permite a escolha de livros para leituras pelas crianças, o que também é importante (CRUZ, 2008).

A professora também é bastante sensível quanto às histórias que as crianças mais apreciam. A esse respeito, ao ser questionada: Quais histórias você percebe que mais chama a atenção das crianças? a professora relatou o seguinte:

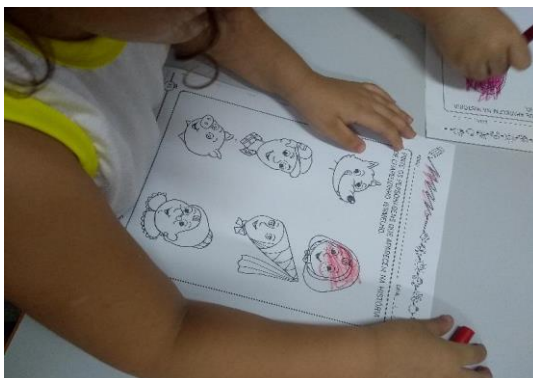
História que envolve medo, medo e aventura. Medo assim, através de personagens, lobo, bruxa. Isso envolve muito sempre que tem lobo e bruxa, um mistério, aí envolve. E aventura, essa idade de, pequenininho, nem tanto aventura, mas, com relação a medo, mas envolve quando tem aventura, quando vai procurar uma coisa. (Entrevista com a professora realizada no dia 5 de dezembro de 2019).

Percebemos nas observações que as histórias que a professora narrava eram de diversos gêneros textuais, como: contos, fábula, lendas etc. Sendo os contos mais

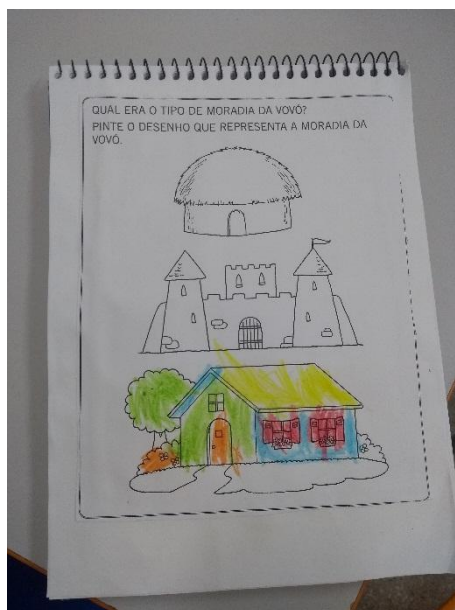
narrados pela professora. Todas as histórias possuem um aspecto faunístico, reforçado pela professora ao sempre utilizar o “Era uma vez, num lugar distante”. Dessa forma, a professora, por meio dessas histórias, pode fomentar construções de cunho social, como questões morais, emocionais e psicológicas. Acerca disso, Souza e Bernardino (2011, p. 243) afirmam: “Os contos de fadas são as únicas histórias que de maneira simples e simbólica falam das perdas, da fome, da morte, do medo, do abandono, da violência”.

A participação das crianças se estende principalmente quando a questão é relacionada às atividades que são realizadas a partir da contação, atividades como construção de texto coletivo, no qual as crianças narram a história a seus modos e a professora realizava a escrita do texto narrado pelas crianças. Em outras histórias como Chapeuzinho Vermelho, a professora solicitou às crianças que identificassem os personagens (fotografia 5), cenários (fotografia 6) e os pintassem.

#### **Fotografia 5 - Atividade para identificar os personagens da história**



Fonte: Mariana (2019).

**Fotografia 6 - Atividade para identificar o cenário (a casa da vovó)**

Fonte: Mariana (2019).

Na história de Bruna e a galinha d'Angola solicitou que as crianças fizessem com massinha de modelar a galinha d'Angola da história e os personagens que elas mais gostaram. Essas ações são relevantes porque dão continuidade às narrativas, ao enriquecê-las com uma série de atividades como desenhos, canções e rodas de conversas sobre as histórias (CARDOSO e FARIA, 2010).

Dentro desse contexto, a atuação da professora evidencia a importância de trabalhar a contação de histórias, permitindo que as crianças participem deste processo, contribuindo para desenvolvimento psicológico, cognitivo e social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa “Contar histórias na Educação Infantil: um estudo de caso de uma Escola Municipal do Recife-PE” teve como objetivo compreender como uma docente realizava o trabalho de contação de histórias em uma turma da educação infantil.

Alguns questionamentos nortearam a construção deste estudo, foram eles: “como a contação de histórias está sendo trabalhada nas turmas da educação infantil pelo Pedagogo?” “Quais os objetivos pedagógicos da contação de histórias?”.

Nosso estudo revelou que a presença da contação de histórias é marcante e uma realidade diária na rotina das crianças de três anos do grupo estudado. O que nos leva a sinalizar, mais uma vez, por meio do estudo de Lacerda (2015), que a prática da contação de histórias na educação infantil tem sido cada vez mais presente na vida dos educadores e educandos, tornando a aula mais significativa, mais prazerosa e rica.

A docente apontou na entrevista a importância desta prática com as crianças em sala de aula, principalmente, em relação ao desenvolvimento da oralidade levando em consideração, não apenas o desenvolvimento da fala ou expressão, mas o de utilizar a linguagem oral, nas diversas situações comunicativas.

As observações evidenciaram que a docente planejou antecipadamente suas ações, escolhendo a história a ser trabalhada com as crianças, explorando diferentes ambientes da instituição para realização da vivência, tais como: a sala de aula; a área externa da escola. Também houve a confecção dos personagens, elementos e cenários que faziam parte da história. Portanto, ficou evidente que a professora tinha uma prática pedagógica organizada no que se refere ao planejamento para realizar o momento da contação de histórias. Ela era comprometida com seu trabalho e com os alunos, visto que, gentilmente escolhia os recursos que iria usar para o momento da contação, quando não tinha o recurso para uso, se comprometia em confeccionar; em sala seguia uma rotina com as crianças, sendo bem organizada, e ao escolher a história que iria contar, inseria em seu planejamento o dia da semana e o horário mais propício para realizar o momento de contação de histórias para as crianças.

Constatou-se também que a professora ao narrar as histórias se utilizava das técnicas da contação de histórias. Fazia as vozes dos personagens, modificava a entonação da voz, usava gestos e expressões, imitava sons de objetos que utilizava na contação de histórias, corroborando com Tahan (1957, p. 7) “Não basta saber contar, é preciso saber a quem contar, quando contar, o que contar e como contar”.

As contações de histórias envolveram diferentes gêneros narrativos, tais como: contos, fábulas e lendas, de acordo com Barroso (2018) os contos de fadas são as histórias mais abordadas pelas professoras, interligando com o uso do lúdico, o qual ajuda a despertar a atenção e interesse da criança.

Nas observações ainda foi possível compreender o que a docente priorizou no momento da contação de histórias: apresentação das histórias a partir de recontos feito pelas próprias crianças, sendo esta uma atividade que proporciona a criança a se desenvolver no que diz respeito a linguagem oral, corroborando o que está escrito na Base Nacional Comum Curricular, a importância de inserir as crianças,

[...] na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BNCC, 2017, p. 42).

A professora pareceu utilizar o reconto como forma de aproximação das crianças com o mundo das histórias, sendo uma maneira de estimular as crianças a desenvolver suas oralidades, dando a oportunidade de cada criança se expressar através da fala, como também, expressar a sua imaginação.

Além das atividades envolvendo a contação, também evidenciamos a construção de texto coletivo e pinturas, o que nos mostra a continuidade do trabalho com as narrativas por parte da professora, ao final do momento da contação. Logo, essas ações são relevantes porque dão continuidade às narrativas, ao enriquecê-las com uma série de atividades como desenhos, canções e rodas de conversas sobre as histórias (cf. CARDOSO e FARIA, 2010).

Desse modo, a pesquisa aqui referendada enfatiza a relevância da contação de história como instrumento pedagógico e que deve fazer parte da rotina da educação infantil, pois potencializa o desenvolvimento da linguagem oral, como também, desenvolve diversas aprendizagens, cognitivas, sociais e afetivas.

Vale ressaltar, que é fundamental que o docente planeje a realização da contação de histórias. Acreditamos que é necessário aperfeiçoamento desta ação por meio da formação continuada, visto que requer técnicas de voz, gestos, postura corporal e ritmos.

O estudo desenvolvido indica ainda, a necessidade de olhar a contação de histórias como um recurso didático pedagógico que além de prazeroso para as crianças, também possibilita diversas vivências e aprendizagens significativas, tais como: enriquece o vocabulário, estimula a curiosidade, as virtudes, a moral, melhora na comunicação.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1991.

ALVES, C. C. G. A contação de histórias na Educação Infantil como processo de formação de leitores. **Revista F@pciência**, Apucarana – PR, 2011. v.8, n.2. p. 11-15.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em Educação? Educação e Contemporaneidade – **Revista FAEEBA**, Salvador, vol. 22, n. 40, jul./dez. 2013, p.95-103.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, M. C. S; DELGADO, A. C. C. **Alfabetização e Escolarização Outros modos de pensar a leitura e a escrita com as crianças**. In: BARBOSA, Maria Carmen Silveira et al., (Orgs.). A infância no ensino fundamental de 9 anos. Porto Alegre: Penso, 2012. pp. 114-148.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROSO, Sheila Costa Chaves. **A contação de história como recurso pedagógico no desenvolvimento da criança na educação infantil**. 65 f. TCC (graduação em pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

BOGDAN, R., BIKLEN, S.K... **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1991.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Souza (Orgs). **Ler e escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – Caderno 3** Linguagem oral e linguagem escrita na Educação Infantil: práticas e interações. Brasília, MEC/SEB, 2016. 120 p. Disponível em:<file:///C:/Users/Mariana/Downloads/caderno\_3%20(4).pdf>. Acesso em 10 de maio de 2020.

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – Caderno 5** A oralidade, a leitura e a escrita no Ciclo de Alfabetização. Brasília, MEC/SEB, 2015.



114 p. Disponível em:< pacto-nacional-alfabetizacao-idade-certa-caderno-5.pdf (novaconcursos.com.br). Acesso em 10 de maio de 2020.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 18 dezembro de 2009. Disponível em:<[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso\\_2013/PDFs/resol\\_federal\\_5\\_09.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_5_09.pdf)>. Acesso em 10 de maio de 2020.

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa** – Caderno 6 Currículo e linguagem na Educação Infantil. 1.ed.- Brasília, MEC/SEB, 2016. 132 p. Disponível em: < file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/caderno\_6%20(1).pdf>. Acesso em 10 de maio de 2020.

BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar**: Pequenos segredos da narrativa, 8.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo. Brasiliense, 1986.

CAGNETI, S. S. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

CARDOSO, A. L. S.; FARIA, M. A. **A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil**. [S. l.: s.n.], [2010?]. Disponível em: < <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v6-2016/ARTIGO-ANA-LUCIASANCHES.pdf>>. Acesso em 16 janeiro de 2021.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3.ed. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

CARVALHO, N.D.; COSTA, A. M. D. F.; MARTINIAK, V. L. As contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento do processo de aprendizagem da criança no espaço da Educação Infantil. In: XVII JORNADA CIENTÍFICA DOS CAMPOS GERAIS CUIDAR DE SI, PARA CUIDAR DO OUTRO, 17. 2019, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2019. p.1- 4.

COELHO, Betty. **Contar Histórias**: uma arte sem idade. São Paulo. Editora Ática. 2003.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 05, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 18 dez. 2009.

CORSARO, Willian A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.) **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

DOHME, V. **Técnicas de contar histórias**: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. 3. ed. São Paulo: Informal, 2000. 223 p.

DOLZ, J. SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

Ester C.S. (Orgs.). **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 165-182.

FLECK, Felícia de Oliveira. O contador de histórias: uma nova profissão? THE STORYTELLER: a new profession?. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n.23, p. 216-227, jan./mar. 2007.

FORNEIRO, L. I. **A organização dos espaços na Educação Infantil**. In: ZABALZA, M. A. Qualidade em educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUILHERME, D. **Qual é a diferença entre ler e contar histórias?** 2011. Disponível em: < <https://nova-escola.org.br/conteudo/3859/qual-e-a-diferencaentre-ler-e-contar-historias>>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.

KAERCHER, G. E. P. da S.(2011). **Literatura Infantil e educação infantil**: um grande encontro. Acervo Digital UNESP. São Paulo: Disponível <em:<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/453/4/01d14t10.p>>. Acesso em 10 janeiro de 2021.

LACERDA, Josefa Ferreira de. **A importância da Contação de histórias na Educação Infantil**. 35 f. TCC (graduação em pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

LAJOLO, M. ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira**: Histórias e histórias. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil**: práticas e interações. Brasília: MEC /SEB, 2016.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MALAGUZZI, L. **História, ideias e filosofia básica**. In: EDWARDS, C.; GANDINNI, L.; FORMAM, G. As cem linguagens da criança. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 59-104.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12579:educacao-infantil>>. Acesso em 05 de março de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em 15 de outubro de 2019.

MORAES, Priscilla Moura Bastos. **As vozes da infância**: Narrativas e estórias das crianças em interações em uma UMEI de Belo Horizonte. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Docência) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

OLIVEIRA, Kamilla Botelho de; FONTES, Nayara Batista. O contador de histórias e sua prática – uma experiência extensionista na universidade federal de viçosa. Raízes e Rumos: **Revista da Pró-Reitora da Extensão e Cultura** – PROEXC, Rio de Janeiro, v. 02 nº 01, p. 1-8, jun. 2014.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura Prazer - Interação participativa da criança com a Literatura Infantil na escola**. São Paulo: Paulinas, 1996.

PIRES, O. S. **Contribuições do ato de contar histórias na Educação Infantil para a formação do futuro leitor**. 37 f. TCC (graduação em pedagogia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

RAMOS, A. C. **Contação de histórias**: um caminho para a formação de leitores?. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

RODRIGUES, E. B. T. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

RODRIGUES, Linduarte Pereira; DANTAS, Maria Aparecida Calado de Oliveira. **Gêneros orais e ensino**: entre o dito e o prescrito. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 28, n. 2, p. 137-153, dez. 2015.

ROSA, E. C. S.; BRANDÃO, M. S. **Projeto mala de leitura**: aproximando a escola da família através da circulação de livros. In: BRANDÃO, Ana C. P.; ROSA, ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ser criança na educação infantil**: infância e linguagem. Brasília: MEC /SEB, 2016.

SILVA, Orlane Fernandes et.al. Interação adulto-criança: reflexões sobre a experiência do estágio supervisionado em uma turma de creche. In: I SIMPÓSIO NACIONAL de EDUCAÇÃO: CIÊNCIA, RESPONSABILIDADE SOCIAL e SOBERANIA, I, 2018, Maceió. **Anais...** Maceió, AL: SNE, 2018.

SISTO, Celso. **Leitura e oralidade**: Contar histórias – da oficina à sinfonia, 1992.

SISTO, Celso. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012. 216 p.

SODRÉ, Leticia. **Contação de histórias e Dialogia na Educação Infantil**: uma experiência educativa. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SOUSA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, A. A contação de história como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Revista de Educação**, v. 6, n. 12, p. 235-249, 2011.

SOUZA, Renata Junqueira et al. A Arte da Narrativa na Infância: práticas para o teatro, a leitura e a contação de história. In: MOTOYAMA, Juliana Francischeti Martins; SILVA, Valéria Santos da; VAGULA, Vania Kelen Belão (Orgs.). **A Arte da Narrativa na Infância**: práticas para o teatro, a leitura e a contação de história. São Paulo: Mercado de Letras. 2015. p. 41- 52.

SCHERMACK, K. Q. **A contação de histórias como arte performática na era digital**: convivência em mundos de encantamento. Disponível em:<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S10/keilaschermack.pdf>

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. Rio de Janeiro, Conquista, 1957.

TORRES, Shirlei Milene. Contação de histórias: Resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de literaturas sessão aberta**.n.01, v.04, Porto Alegre, 2008, p. 1-8. Disponível em: Acesso em 15 de julho de 2019.

VIEIRA, J. L. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. São Paulo: Edipro, 2006.

## **APÊNDICES**

### **APÊNDICE A - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA DA PROFESSORA.**

Turma: \_\_\_\_\_.

#### **ASPECTOS A SEREM OBSERVADOS**

##### **PLANEJAMENTO**

**Este tópico refere-se ao planejamento da aula da professora.**

1. A professora realiza plano de aula? Se sim, existe coerência entre o que foi planejado e o que foi realizado?
2. A professora ao planejar a aula envolvendo a contação de histórias, possui algum objetivo ou objetivos didáticos?

##### **A INTERAÇÃO DAS CRIANÇAS COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

1. A professora deixa as crianças participarem da contação de histórias? Ela cria estratégias para mobilizar a participação das crianças?
2. A professora espera as crianças falarem ao longo da contação de história?

##### **AS TÉCNICAS E OS RECURSOS DA PROFESSORA ENVOLVENDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

1. A professora ao contar histórias utiliza o livro como recurso?
2. Os livros contados pela professora é adequado à faixa etária das crianças?
3. Quais os recursos que a professora utiliza para a realização da contação de histórias?
4. Como a professora prepara o ambiente para a contação de histórias na sala de aula?
5. A professora utiliza-se de expressões e gestos de forma a imitar os personagens da história?

## **APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA PROFESSORA.**

### **Identificação**

Professora

### **ENTREVISTA**

- Por que você acha importante o trabalho envolvendo a contação de histórias?
- Quais conhecimentos você considera que são mobilizados na atividade de contação de histórias?
- O que fez você gostar de contar histórias para as crianças?
- Você acha que há especificidades em ler histórias e contar histórias? Se sim, quais?
- Na sua rotina como você organiza o trabalho envolvendo a contação de histórias?
- Como prepara o ambiente, escolhe os materiais? O que você prioriza?
- Quantas vezes na semana você conta histórias para as crianças?
- Quais recursos você utiliza para contação de histórias?
- Você utilizar o livro como recurso ao contar histórias?
- Ao trabalhar com a contação de histórias, você escolhe ou deixa as crianças escolherem a história que querem ouvir?
- Você conta história em quais espaços da escola?
- Você deixa que as crianças participem da contação de histórias? Se sim, como?
- Quais histórias você percebe que mais chama a atenção das crianças?

**APÊNDICE C – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO FECHADO.****NOME:** \_\_\_\_\_.**1. Qual é a sua idade?** mais de 25 anos  entre 30 a 40 anos  acima de 40 anos**2. Qual a sua formação?**

Por favor, marque apenas uma alternativa.

- Apenas Magistério  
 Magistério e Ensino Superior \_\_\_\_\_  
 Ensino Superior e Pós Graduação \_\_\_\_\_  
 Apenas Superior \_\_\_\_\_

**3. Há quanto tempo você trabalha como professora da Educação Infantil?** 1 - 2 anos  3 - 5 anos  6 - 10 anos  Há mais de 10 anos**5. Você considera seu contato com os livros de histórias na infância foi:**

- Pouco  
 Bom  
 Ótimo  
 Nenhum

**6. Você ouvia histórias na infância?** Sim  Não  Às vezes  Não lembra**7. Fez algum curso de Contação de Histórias?** Sim  Não  Tenho interesse em fazer um curso

Quais? \_\_\_\_\_

Onde realizou? \_\_\_\_\_

## ANEXOS

## ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Cumprimento Sr./Sr.<sup>a</sup> ao tempo em que solicito a sua participação na pesquisa intitulada: **CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO DA PRÁTICA DE UMA PROFESSORA**, integrante do **Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação**, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. A referida pesquisa tem como objetivo principal **compreender como uma professora realiza o trabalho de contação de histórias em uma turma da educação infantil de uma escola Municipal de Recife-PE** e será realizada por Mariana Santana de Lira, estudante do referido curso.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de **observação e entrevista**, com utilização de recurso de **diário de campo** e gravação de **áudio**, a ser transcrita na íntegra quando da análise dos dados coletados. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, contudo, será mantido o anonimato dos respondentes participantes da pesquisa. Dessa forma, a participação na pesquisa não incide em riscos de qualquer espécie para os respondentes. A sua aceitação na participação dessa pesquisa contribuirá para o/a licenciando escrever sobre o tema que estuda, a partir da produção do conhecimento científico.

**Consentimento pós-informação**

Eu, \_\_\_\_\_, estou Ciente das condições da pesquisa, acima referida, da qual livremente participarei, sabendo ainda que não serei remunerado/a por minhas contribuições e que posso afastar-me quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via para cada um/a.

Recife, PE, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/a participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/a pesquisador/a



Impressão do dedo polegar  
caso o/a participante não  
saiba assinar.